

O Pezinho nos Açores e no Rio Grande do Sul

Rose Marie Reis Agrifoglio*

The Pezinho in the Açores and the Rio Grande do Sul

Resumo

O presente estudo trata do Pezinho, gênero que inclui música, canto e dança, e que faz parte do repertório das pessoas de diversas faixas etárias, tanto no Brasil quanto em Portugal. A investigação acerca do Pezinho foi desenvolvida com base na literatura, incluindo registros de dados históricos sobre os usos e costumes relacionados às festas, bem como utilizando transcrições musicais e coreográficas de diferentes Pezinhos que foram encontrados. Os Pezinhos analisados nesse estudo não somam a totalidade dos existentes, porém apresentam as características musicais principais do gênero, bem como a dimensão de importância que o mesmo possui para as demais investigações musicológicas.

Palavras-chave: Pezinho, análise musical, música brasileira

Abstract

The present study it deals with the Pezinho, sort that includes music, song and dances, and that makes part of the repertoire of the people of diverse age brackets, in Brazil and in Portugal. The inquiry concerning the Pezinho was developed on the basis of literature, including registers of historical data about uses and customs related to the parties, as well as using different musical and choreographic transcriptions of Pezinhos that had been found. The Pezinhos analyzed in this study does not add the totality of the existing ones, however they present main the musical characteristics of the sort, as well as the importance dimension that the same has for the others musicologicas inquiries.

Keywords: Pezinho, music analysis, Brazilian music

Recebido em 31/08/2005

Aprovado para publicação em 10/11/2005

Introdução

Dentro da fisiologia social das sociedades, os diferentes aspectos da cultura são funcionalmente representativos. Sendo assim, um dos papéis do pesquisador é o de tornar visíveis as verdadeiras funções e o de colocar o fenômeno no seu real enquadramento. Na dinâmica do folclore, muitas vezes, certos fatos, no decorrer de sua evolução, distanciam-se de sua origem, passando a cumprir outras funções diferentes das anteriores. Assim, examinando a trajetória percorrida pelo termo Pezinho, depreende-se que ora ele foi indicador de caminhadas coletivas de homens e mulheres com um objetivo comum, ora foi tomado como elemento de codificação entre enamorados (conforme era posicionado), ora foi designativo de modas cantadas e bailadas.

O objeto deste estudo é o Pezinho – música, canto e dança – que frequenta o repertório de adultos e de crianças em Portugal e no Brasil. Para fazer o presente trabalho, consultei livros que registram dados históricos de usos e costumes ligados a festas, e as transcrições musicais e as coreografias dos diferentes Pezinhos encontrados. Certamente há um número maior dos que aqui comentarei, mas a amostra, ora apresentada, dá uma idéia dos aspectos principais que caracterizam este gênero. Oportunamente, poderei acrescentar novos dados

que julgar relevantes. Em razão da abrangência do tema, *a ênfase deste artigo diz respeito à música do Pezinho*. Em artigos que pretendo escrever na seqüência deste, abordarei outros enfoques detalhadamente.

Pezinho – a palavra e seus significados

Consultando a bibliografia disponível, encontrei diferentes acepções:

a) *o Pezinho como artifício para comunicação entre namorados*

Em tempos mais antigos, quando o rigor dos costumes impedia as mulheres e homens de se aproximarem fisicamente em ambientes públicos, e também porque as indumentárias cobriam todo o corpo, os pés passaram a ter uma grande importância na comunicação estabelecida interpartes. Conforme a posição em que os pés eram colocados ou conforme se aproximassem ou se afastassem, eram passíveis de serem interpretados e eram indicativos de mensagens entre os pares. A denominação Pezinho já indica que o diminutivo é carinhoso, adotado pelo cavalheiro para se referir ao pé de sua amada.

Igualmente, em caminhadas de grupos jovens, a maneira como se dispunham os pezinhas tinha significados distintos. As interpretações estavam na compreensão das partes envolvidas e quase sempre tinham um caráter particular.

b) *o Pezinho é o acontecimento principal, nos Açores, durante o dia de quinta-feira nas festas do Divino Espírito Santo*

O pezinho caracteriza-se por ser *um agradecimento a várias pessoas da freguesia pela comissão das festas*, que contratando vários tocadores e cantadores, acompanhados de um grupo pequeno de bezerros enfeitados, percorrem certas casas, parando nestas e lá cantando quadras em honra do dono da casa.¹

Trata-se, pois, de uma caminhada devocional de agradecimento. O cortejo é acompanhado por número considerável de pessoas, principalmente pelos homens mais velhos da freguesia e por adolescentes. As casas, onde o pezinho pára, não variam muito de um ano para outro.

Há casas onde o pezinho pára por tradição, outras onde ele pára devido às grandes ofertas dadas pelos donos e ainda pára na casa dos criadores dos animais e na de antigos membros da comissão. (Antonieta Costa, 1987, p. 53)

c) o Pezinho parece ter sido sinônimo de "dança", "marca", além de identificar algumas danças antigas nos Açores

Francisco José Dias (1981, p. 48-49) assim se refere, ao descrever as "Festas do Menino Jesus":

Ao fazer da noite, depois da ceia, era de contar com uma enchente em casa do mordomo do Menino Jesus [...] Os mordomos – marido e mulher – iam acomodando nas duas filas de cadeiras, as mães por detrás das filhas. [...] Parece estar tudo acomodado. O mordomo, à porta da rua, manda abrir caminho para os tocadores passarem. Ei-los, importantes, cheios de presunção com os instrumentos levantados no ar pra dar nas vistas... No centro do quarto do balho, as cadeiras os esperam para o afinar dos instrumentos. Os olhares brilhantes e ansiosos daquele mulherio, umas apreciando a afinação e outras inquietas que acabe, tudo é motivo de orgulho para os tocadores. Já soam os primeiros acordes: os tocadores principiam em volta do quarto nos seus pontos do "pezinho novo", repinicando os dedos em demonstração das suas habilidades, enquanto o mordomo vai chamando os que entende – solteiros e casados – até completar a roda. De imediato, um levanta a voz: *Venho cumprir ordens (ordens)/ Que me manda o meu alferes? Que não balhasse(m) os senhores homes(mens)/ Sem as sinharas mulheres.*

Ao findar a quadra, a "mordoma" mandava entrar as mulheres, consoante as caras... dos balhadores, para se encontrarem, pelo menos, parte de namorados. E toca a cantar e a balhar com força para aquecer o corpo e a alma! [...] Findo o "pezinho", fazia-se uma pequena paragem para se iniciar outro balho com a renovação dos balhadores.

Acrescenta ainda o mesmo autor que "em época recuada que chegou até o primeiro quadrante do século XX, [...], em São Miguel balhavam-se todos os balhos que se conheciam no tempo, os quais eram os seguintes:

Pezinho Novo	Bela Aurora
Pezinho Velho	Chamarrita
Pezinho da Vila	Tanchão
Balho Furado	Manjericão
Sapateia	Ciranda
Caninha Verde	Charamba d'Água d'Alto
Saloia	Saudade
Fôfa"	

d) o *Pezinho* designa um gênero de dança comum em Portugal, particularmente nos Açores

Suas características são o ritmo binário, predominando a forma A-A-A...; apresenta movimentação que coloca em destaque o pé direito e o esquerdo, alternadamente, seguido de breve caminhada. Em alguns Pezinhos, aparece um breve deslocamento com pulos na direção contrária.

e) o *Pezinho* designa uma dança gaúcha no Brasil

Suas características são o ritmo binário e a forma A-B-A-B...; apresenta duas figuras coreográficas, uma para cada parte. Posição inicial: pares face a face. Na parte A: movimento alternado de cada pé (à direita e à esquerda), mantendo o calcanhar firme no chão; na parte B: evolução em caminhada, os pares de braço dado (direito da moça com direito do rapaz), trocam de lugar, fazendo leve cumprimento, e continuando a mesma evolução para retornar à posição inicial.

f) o *Pezinho* designa uma cantiga de roda no Brasil, aparecendo também em suite de cirandas infantis

Entre as cantigas tradicionais das brincadeiras infantis, o *Pezinho* constitui uma dancinha imitativa da dança dos adultos. Aparece também como parte final da cantiga *Fui no Itororó*, que reúne, em forma *suite*, três rodas cantadas (*Fui no Itororó*, *Ó Mariazinha*, *Pezinho*).

Pezinhos antigos

Entre os antigos bailes e modas, o *Pezinho* foi tão executado como a *Chamarrita*. Em algumas freguesias, os *Pezinhos* antigos são somente cantados. Todavia, encontra-se quem conheça e dance as coreografias de outrora; o gênero leva, então, o designativo de *Pezinho de Roda*.

Informa o padre José Luiz de Fraga, em sua obra *Cantares Açorianos* (1963, p. 42) que, quer pelo acompanhamento, quer pelo canto, quer ainda pela letra das cantigas, por vezes lírica mas quase sempre jocosa e até brejeira, o *Pezinho* é sempre alegre. Comumente é executado nas *casas de festa* (de baile), nos serões do Espírito Santo, nos ajuntamentos de rapaziada em dias de descanso

ou nas serenatas campestres.

Na Ilha Terceira, onde o folclore musical é considerado *o mais rico de todas as ilhas adjacentes*, segundo Drumond (em três artigos sobre *O baile popular Terceirense*), o *Baile Direito*, ou *Baile Antigo*, como também era chamado, era dividido em duas partes, começando pela Charamba e terminando pela Sapateia. Na primeira parte, dançavam cinco modas que eram sempre as mesmas; a segunda parte era mais longa, começava pelo Pezinho, seguindo-se várias modas ao gosto dos tocadores de viola (a uma canção de andamento vagaroso devia seguir-se outra mais ligeira), terminando com a Sapateia, a mais animada de todas, uma despedida alegre e plena de entusiasmo dos participantes.

I Parte

Charamba
São Miguel (Virar do Bailho, ou Os Mares)
Tirana
São Macaio (Samacaio, corruptela de São Macário)
Chamarrita (a mais alegre)

II Parte

Pezinho
A Praia
A Saudade
O Bravo
O Meu Bem
A Lira
Olhos Pretos
Os braços
O casaco, ou o Cá Sei
Sapateia

No continente europeu, em fins do século XVIII, as músicas e danças do Pezinho possivelmente sofreram influências de outras danças em voga na época. Para fins de registro, observo que certos passos do minueto² podem ter sido incorporados ao Pezinho. O contato entre os Açores e as terras portuguesas do continente europeu certamente levou ao conhecimento da gente dos ilhéus as danças que habitualmente eram praticadas na corte. Logicamente, seria de bom gosto bailá-las, mesmo que sua execução não tivesse a *finesse* conduzida pelos *maîtres de danse* palacianos.

Cabe lembrar também que as músicas de dança de salão eram comedidas, pois tinham, em geral, andamento *moderato*, não sendo executadas tão rapidamente como hoje em dia. Como se pode verificar pela linha melódica do exemplo que selecionei (Exemplo 1), há algumas notas mais longas (estendendo-se

de um compasso a outro com ligaduras) que permitiriam realizar gestos de medidas entre damas e cavalheiros, como no minueto. Apresentando breve melisma sobre certas sílabas, o canto adquiria pequeno cromatismo, traduzindo certa leveza. O ritmo, sempre muito contido, não abafava o discurso melódico, limitando-se a sublinhá-lo com delicadeza. Observe-se o Exemplo 1, extraído da coleta de César das Neves, intitulado *Cancioneiro de Músicas Populares*, 1º volume, publicado em 1896, em Lisboa.

Pezinho (Século XVIII)

Melodia continental (extraída do *Cancioneiro de Músicas Populares*, de César das Neves; 1º vol, Lisboa, 1896)

Vivo

I. Po-nha a-qui, po-nha a-qui o seu pe - zi - nho Po-nha a-qui Po-nha a-qui
qui ao pé do me-u, Ao ti - rar, ao ti - rar do seu pe - zi - nho
Um a - bra-ço, um a - bra-ço lhe dou eu.

**Ponha aqui, ponha aqui o seu pezinho,
Ponha aqui, ponha aqui ao pé do meu.**

**Ao tirar, ao tirar o seu pezinho,
Um abraço, um abraço lhe dou eu.**

Exemplo 1

Conforme Dias (1981), o Pezinho com esta letra passou a ser usado somente pelas crianças em suas diversões infantis, fato presenciado nos Açores, nos princípios do século XX e alguns anos seguintes.

O texto diz que os pés de cada par se aproximam, tocam com a ponta do pé no chão, repetidas vezes, sob o ritmo da música, cantando. Ao dizerem "Ao tirar, ao tirar o seu pezinho", como estavam de mãos dadas, soltam-se as mãos e abraçam-se aos pares, dando uma volta, cantando, então, o último verso "Um abraço, um abraço lhe dou eu".

Observa o mesmo pesquisador que, em se tratando de crianças, não poderia haver mal ao abraçarem-se. "Mas quem poderia admitir que as raparigas

casadouras, e muito menos as casadas, se abraçariam com homens estranhos?" acrescenta: "Entretanto, terá sido do movimento de pés denunciado pela letra, que nasceu o balho (para adultos) designado por Pezinho?" A verdade é que cada ilha o adotou e lhe aplicou uma coreografia e música próprias, porém a música tem as suas variantes, mesmo dentro de cada ilha.

Segundo Júlio Andrade ([19-?], p. 94-95) apud César das Neves (1986), autor do citado *Cancioneiro de Músicas Populares*, o Pezinho teria nascido à beira-mar. "Cantava-se nos botequins e casas de orgia dos portos do continente e ilhas". Assim, não seria de admirar a coreografia permissiva para a época: "Vão de mão dada, em número ímpar e soltando todos as mãos de repente, abraçam-se aos pares, dando uma volta e cantando *Estou contente do meu par/ Foi condição de Deus mo dar*. A pessoa que ficava sem par era a viúva para o jogo seguinte". Tratava-se, pois, preferencialmente, de um jogo e não de uma dança.

O mesmo autor informa que o Pezinho era dançado em todas as ilhas e por diferentes etnias que ali aportaram. O texto e música do Exemplo 2 informam sobre um Pezinho antigo da Freguesia dos Flamengos (presença dos holandeses na Ilha do Faial durante o processo de recolonização dos Açores). A melodia é alegre e sugere movimentos saltitantes.

Pezinho Antigo da Freguesia dos Flamengos

Extraído do livro *Bailhos, rodas e cantorias*,
de Júlio Andrade

Allegretto

Faz fa - vor, faz fa - vor po-nha o pe - zi - nho Po-nha o pe - zi - nho po-nha a-
qui com to - do o jei - to Ao tí - rar, ao tí - rar o seu pe - zi - nho
Ó to - que to - que to - que to - que no meu com res - pei - to.

Faz favor, faz favor ponha o pezinho,
Ponha o pezinho,
Ponha aqui com todo o jeito.

Ao tirar, ao tirar o seu pezinho,
Ó toque toque toque
Toque no meu com respeito.

A Viola da Terra, também denominada Viola de Arame ou Viola de Dois Corações³ – instrumento musical das modas açorianas

A Viola sempre foi o instrumento por excelência para acompanhar as modas portuguesas. Encontradas com doze ou quinze cordas, feitas por artesão,⁴ as violas constituem até hoje marcos da música folclórica açoriana.

A Viola de Arame tem duas afinações principais que coincidem com áreas geográficas:

- nas ilhas do grupo ocidental e central – mi, si, sol, ré, lá (agudo/grave), que é a “afinação fixada por Juan Carlos Amat em 1586 para a guitarra espanhola e que Paixão Ribeiro refere na viola de Coimbra em 1789”. Trata-se da mesma afinação usada para o violão (suprimida a sexta corda);
- nas ilhas do grupo oriental, a afinação das primas é um tom mais baixo – ré, si, sol, ré, lá, tal como na beiroa ou bandurra (da qual a açoriana difere no resto) (Almeida, 1990, p. 57).

A *técnica de execução da viola* é, tradicionalmente, *picar* as cordas com as unhas. Na substituição destas, os tocadores usam uma pequena barba de baleia ou osso de tartaruga preso ao dedo. Modernamente, utilizam uma unha plástica, técnica que verifiquei estar vigente em 1988 nas Ilhas Terceira e em São Miguel.

Segundo Andrade, no Faial, “a viola é tocada, vulgarmente de *rasgado*, em rufadas, ora para baixo (das cordas graves para as agudas) ora no sentido inverso, neste com arrastamento do dedo polegar pelas cordas.” O tocador designa este movimento por “pancada na viola”. O *pontado* é utilizado somente nos bailhos velhos ou quando haja mais de um tocador.

Na Ilha Terceira, a melodia é dedilhada com o dedo indicador, sublinhando-se o compasso com o bordão, ferido pela unha do polegar.

Nas ilhas do grupo ocidental, conforme a posição em que a moda é tocada na viola, é conhecida por *Pezinho de Cima* (quando executado em ré maior), *Pezinho do Meio* (em lá maior) e *Pezinho de Baixo* (em ré maior ou sol maior). O tocador pisa os *pontos* na parte alta da escala (junto das cravelhas), ou na região média, ou na parte baixa (junto da caixa de ressonância, também dita *barriga*) da viola (Fraga, 1963).

O *Pezinho de Cima* é cantado nos Cedros da Ilha das Flores.

Os cantadores populares [...] começam por vezes na segunda parte da melodia, ou seja, deixam passar os acordes ou arpejos da primeira (acorde fundamental) e só entram com os de quinta dominante, mas começando pelo segundo verso da cantiga. É uma habilidade de que fazem certa gala e com ela tornam a moda mais variada.

Há muitas variantes desses Pezinhos antigos. Escolhi como exemplo um Pezinho de Cima (Exemplo 3), cantado na Fajã Grande das Flores.

Pezinho de Cima
Fajã Grande

Extrato do livro *Cantares Açorianos*
(transcrição n.º 44), do P. José Luís de Fraga

Andante Presto

I. Man-da-va fa-zer a co-va Se eu sou-bes-se que mor-ri-a

Man-da-va fa-zer a co-va For-ra-di-nha de ver-me-lho

Ao can-to da Ru-a No-va For-ra-di-nha de ver-me-lho

Ao can-to da Ru-a No-va.

I
(Mandava fazer a cova)
Se eu soubesse que morria
Mandava fazer a cova
Forradinha de vermelho
Ao canto da Rua Nova
Forradinha de vermelho
Ao canto da Rua Nova.

Exemplo 3

Em geral, o texto da cantiga era uma sextilha, mas quando era uma quadra, repetiam o primeiro e o terceiro versos, como no *Pezinho do Meio* (Exemplo 4), ainda lembrado por muitos habitantes da Fajã Grande das Flores.

Solfejando-se atentamente, pode-se perceber a vizinhança melódica deste Pezinho do Meio com certas cantigas de roda infantil perpetuadas no repertório das crianças brasileiras.

Escolhi um exemplo de um *Pezinho de Baixo* (Exemplo 5) para ilustrar essa modalidade.

Com base nas informações dos diferentes autores que consultamos, podemos afirmar que estes diferentes Pezinhos antigos foram vigentes durante todo o século XIX e até meados do século XX eram ainda praticados. Veja-se o *Pezinho Velho* no Exemplo 6.

Pezinho do Meio

Fajã Grande

Extraído do livro Cantares Açorianos
(transcrições n° 45 e 46), do Pe. José Luís de Fraga

Andante Presto

I. Mi-nha so-gra é u-ma ra-ia Mo-ra na lom-ba da Ma-la De-bal-xo do Ben-ja-min.
A to-dos cha-ma ca-na-lha An-tes a bo-ca lhe ca-lha Do que e-la m'o cha-me a mim.

I
Minha sogra é uma raia
Mora na lomba da Maia
Debaixo do Benjamin.
A todos chama canalha
Antes a boca lhe caia
Do que ela m'o chame a mim.

Variante (Fajã Grande)

II. Mi-nha a-vó quan-do mor-reu Mi-nha a-vó quan-do mor-reu Dei-xou-me u-ma dei-xa-del-ra.
Dei-xou-me u-ma cai-xa ve-lha Dei-xou-me u-ma cai-xa ve-lha Que já não a-bre nem fe-cha.

II
Minha avó quando morreu
Minha avó quando morreu
Deixou-me uma deixadeira.
Deixou-me uma caixa velha
Deixou-me uma caixa velha
Que já não abre nem fecha.

Exemplo 4

Pezinho de Baixo

Extraído do livro Cantares Açorianos
(transcrição n° 50), do Pe. José Luís de Fraga

Andante Presto

I. Dur-mo à som-bra do tri-go Per-gun-tas-te-me on-de dur-mo.
Dur-mo à som-bra do tri-go. O meu dor-mir é so-nhar
O meu so-nhar é con-ti-go O meu dor-mir é so-nhar
O meu so-nhar é con-ti-go.

I
(Durmo à sombra do trigo)
Perguntaste-me onde durmo
Durmo à sombra do trigo.
O meu dormir é sonhar
O meu sonhar é contigo
O meu dormir é sonhar
O meu sonhar é contigo.

Exemplo 5

